

“O HOMEM E A GENTE”

Uma Contribuição de Ortega y Gasset para o processo da interação Professor-aluno.

Ilar Garotti(*)

INTRODUÇÃO

Por que teria eu, após longos anos de trabalho no meio escolar e no Curso de Pós-Graduação na PUC-SP, me deixado envolver com o pensamento de Ortega y Gasset? Por que escolhi o inquietante autor de *Espanha invertebrada* e de *O homem e a gente* para ser o ponto de partida de minha dissertação de Mestrado?

O pensamento de Ortega y Gasset atraiu minha atenção nas aulas de Antropologia Filosófica, ministradas pelo meu orientador, de dissertação, Prof. Waldemar Valle Martins, a propósito do tema da comunicação, abordado sob o prisma da busca dos atributos (das “essencialidades”) que mais qualificam o homem. Nessa obra revela-se a comunicabilidade do homem, ser capaz de dizer e de ouvir; ser em aberto, inacabado e ansioso por completar-se. No livro *O homem e a gente*, com o subtítulo *intercomunicação humana*, Ortega aprofunda o tema das realidades sociais: humano é aquilo que faço eu mesmo; a vida humana é sempre minha e a vida é essencialmente solidão.

Mas o social não brota da minha solidão: Quem é o sujeito do social?

Todos e ninguém determinado: a coletividade, a sociedade, a gente.

Seguiu-se a leitura de *A rebelião das massas* (1930), sua obra prima, que retrata a transição do individualismo burguês para os grandes movimentos coletivistas, que parecem absorver o Eu e o Tu e projetar o império do quantitativo: “Vivimos bajo el brutal imperio de las massas”.

Mas o solerte pensador sabia antever que o nivelamento, que assustava aristocratas como ele, transformaria-se em aumento de vitalidade e possibilidade, contrariando os que preconizavam a decadência da Espanha.

Ortega não foi um político triunfante, embora se tenha comprazido em uma única vitória que ele saboreou – o advento da República com a queda da monarquia. Nem foi um filósofo sistemático nem mesmo conseguiu dar acabamento final a qualquer de seus livros, mas, da leitura de sua obra, emerge o percurso que fez do neokantismo, aprendido e vivido nos cursos que fez na Alemanha, até o perspectivismo e o raciovitalismo, que mais o caracterizam.

Não ficou à margem do tema educação, como retrata a sua conferência “La pedagogía social como pro-

* Professora do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

grama político" (1910):

Si educación es transformación de una realidad en el sentido de cierta idea mejor que poseemos y la educación no ha de ser sino social, tendremos que la pedagogía es la ciencia de transformar las sociedades. Antes llamamos a esto política: he aquí, pues, que la política se há hecho para nosotros pedagogía social y el problema español un problema pedagógico. Cómo, en efecto, mejorar a España seriamente si no tenemos una idea un poco exacta de lo que debe ser una sociedad?

As reuniões da *Revista de Occidente* aglutinaram um grupo de intelectuais que produziram e produzem, entre eles, Julián Marías, seguindo-lhes as pegadas como seu divulgador e melhor intérprete. "Dois insensatos, diria Ortega, de volta do exílio, que se dedicaram à Filosofia e nada mais têm a perder".

Não é difícil descobrir que quem propôs a *vida como realidade radical*; quem sabe avaliar a visão do outro como um ingrediente para a descoberta do mundo; quem soube viver a busca até a incompreensão (diálogo, como busca de lógos); quem soube aceitar o abandono até a "soledad" tem algo a dizer sobre a relação Professor-Aluno, nos nossos ambientes universitários, para que um dia transformemos em topias as utopias de nossas Escolas.

A leitura de sua obra faz-nos sentir o poder da palavra, questionado-

ra e criativa; palavra que o mesmo Ortega definira: "um pouco de ar estreme-cido que, desde a madrugada confusa do Gênesis, tem poder de criação".

Discípulo de Hermann Cohen em Marburgo e educado, portanto, na tradição do neokantismo, absorveu a atitude idealista, segundo a qual só é certo o conhecimento garantido pelas categorias "a priori" de toda a experiência.

Até 1923, seu pensamento orientou-se pelo perspectivismo, assumindo desta data em diante uma posição raciovitalista.

A tese formulada em 1914: "*Eu sou eu e minha circunstância*" conduziu Ortega à elaboração do conceito como *cultivo* da espontaneidade em que a vida consiste, quer dizer, a uma doutrina do conceito como autêntico órgão de conhecimento. O conhecimento, sendo racional, está arraigado na vida. Por isso, a filosofia não é um pensamento acerca da vida, senão um partir do fato de que toda a razão é vivente. Daí que o homem seja para Ortega menos um ente dotado de razão do que uma realidade que tem de usar da razão para viver.

Fiel a seu tempo, teve o desejo de ser um inovador radical e para isso propôs-se enfrentar e superar o passado, sem contudo perder o contato com ele.

Para superar el pasado es preciso no perder contacto con él; por el contrario, sentirlo bien bajo nuestras plantas, porque nos hemos subido sobre él.⁽¹⁾

1. GARAGORRI, Paulino. *Introducción a Ortega*, p. 22.

Tomar contato com o passado é um dos requisitos básicos para se abordar a filosofia de Ortega.

O interesse com que trata os temas humanos fez dele um filósofo de inegável valor, que deu à Espanha um autêntico metafísico original e rigoroso.

Elevou-se a uma sistemática de valor universal com o seu perspectivismo, segundo o qual a realidade é composta, à maneira de uma paisagem, por um número infinito de perspectivas, algumas das quais nós chegamos a conhecer através da mediação seletiva da razão vital. Daí o raciovitalismo, como é designado o seu pensamento, que historicamente se coloca dentre o relativismo de Simmel e o historicismo de Dilthey.

A tarefa do filósofo, afirma Ortega, consiste em penetrar cada realidade, para extrair dela sua oculta essência. Dando valor a cada realidade da vida, o filósofo deve desentranhar sua significação.

Como Miguel de Unamuno, interessou-se pelas causas históricas e psicológicas do descompasso intelectual do seu país.

Sua política de ação de "portas abertas" teve a intenção de repensar não só os problemas filosóficos, mas também, quanto possível, a própria estrutura da filosofia.

Pensar novamente e livremente a realidade humana, cada aspecto, cada redescoberta de ângulos novos, dentro de uma nova perspectiva, parece ter sido o eixo de sua filosofia.

A vida é um fazer-se a si mesma continuamente, um auto-fabricar-se. Sua obra *O homem e a gente* pretende mergulhar na profundidade da vida humana e na realidade desta vida, com o propósito de entender sua essência, sua estrutura, sua natureza e suas peculiaridades.

ESBOÇO DE UMA ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA ORTEGUIANA (2)

A vida funciona na compreensão de toda a realidade; o homem, porém, tarda em se dar conta dessa realidade que é a vida, e a razão disso é que, de início, ele não se encontra *com* ela, mas *nela* e dentro dela tropeça com todas as coisas que vão sendo questão, sucessivamente. Depois de Dilthey, foram Heidegger e Ortega que conseguiram uma exploração verdadeiramente filosófica dessa realidade que é a vida humana.

Trata-se de encontrar a realidade radical, isto é, a realidade que eu encontro e tal como eu a encontro. Radical, quer dizer, tudo o que eu encontro, encontro em algum lugar radicado ou arraigado. Essa realidade radical é evidentemente minha vida. Só o que eu faço e o que me acontece são contingentes e jamais podem ser fundamento de algo essencial. E o que me acontece, antes de tudo, é o fato de eu me encontrar aqui e agora, numa circunstância com a qual tenho que enfrentar e fa-

2. Capítulo II de minha dissertação de Mestrado, apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – 1982 – "O homem e a gente": Uma contribuição de Ortega y Gasset para o processo de interação professor-aluno.

zer algo para viver. A única vida que me é presente, que me é dada em sua realidade com tal vida, é a minha, e só posso entender as demais, só posso compreender em que sentido e em que medida são vida, interpretando-as analogicamente a partir da minha, tirando ou pondo requisitos concretos.

Todo "quefazer" humano envolve quatro momentos: personalidade, o que eu vou fazer é meu; dinamismo, eu é que tenho que executá-lo; forçosidade, o que tenho que fazer me é imposto como condição para viver; circunstancialidade, aqui e agora, vinculado a uma determinada circunstância ou mundo, particular, individual, pessoal.

A vida é, pois, algo que eu tenho que fazer aqui e agora. E isso é viver. E só a História tornou manifesto o que é propriamente a vida humana, ao mostrar o que o homem fez com esses dispositivos e mecanismos biológicos e psíquicos que lhe foram dados para fazer-se, isto é, para fazer sua vida.

Além de fazer-me, isto é, de realizar-me aqui e agora, tenho que projetar, decidir previamente qual vai ser o meu futuro, isto é, tenho que lançar, jogar minha vida para diante usando a imaginação. Projetar minha vida é essencial.

Para decidir entre as possibilidades inúmeras que se abrem a cada passo do meu itinerário, recorro ao meu programa de vida, ao meu projeto vital. O projeto é a imagem antecipada do que eu pretendo ser. Sem projeto, por

mais tosco que for, ninguém vive, pois sem ele eu não me poderia decidir por esta ou aquela atitude, esta ou aquela ação. Como o projeto, sempre inevitável, é obra da imaginação criadora de cada qual, Ortega costumava dizer que o homem é novelista de si mesmo. Cabe-lhe inventar, na pauta da circunstância, quem ele vai ser. Como cantou Hoelderlin, cem vezes repetido por Heidegger, o homem vive poeticamente ou dramaticamente, conforme prefere Ortega, como diálogo vivo entre aquele personagem emergente e problemático que sou eu mesmo e a circunstância, ou o mundo que me é dado.⁽³⁾

Contando com um repertório de possibilidades eu me encontro em um contorno ou mundo rodeado de coisas que me são presentes de início como forçosidades, facilidades e dificuldades. Portanto, pelo menos idealmente, existo antes e em contraposição a estas. Não só conto com as coisas que me rodeiam como também encontro-me com elas e encontrar é estar com elas, isto é, me encontro a mim mesmo com elas. A vida consiste, pois, nesta relação essencial do eu com as coisas, porque o eu só se realiza como tal estando com as coisas e estas coisas são o meu mundo. Este meu mundo é constituído das coisas que me rodeiam, formando a minha circunstância. Neste sentido Ortega afirma:

3. MELLO KUJAWSKI, Gilberto. *Jornal da tarde*, 18/10/1980.

A circunstância é tudo o que nos rodeia, tudo o que está circun-dando-me, em torno de mim, ao meu redor. É um conceito pura-mente funcional e que nada pre-juíça, limitando-se a tomar a reali-dade em toda a sua imediatez e pureza; neste sentido, é muito mais radical que Umwelt. A des-crição de Ortega acumula ime-diatamente umas quantas notas de vivo interesse: as coisas mu-das levantam suas tácitas fisio-nomias; quer dizer, a circunstân-cia, portanto, não tem voz ou sentido. Mas não se trata tam-pouco de um inerte ou passivo "estar aí", pois as coisas são ofe-renda e donativo. Nós estamos orientados rumo a algo; multipli-cam-se as imagens: fixo o olhar em remotas empresas, projeta-das, o herói avança como um dardo para u'a meta. Oferenda e projeto são os traços iniciais com que se esboça o diálogo entre a realidade circunstancial e o su-jeito de quem é a circunstância.(4)

Julían Marías, a quem seguimos de perto na elaboração deste capítulo, afirma que uma das mudanças mais profundas do século atual com respeito ao século XIX, consiste na transforma-ção de nossa sensibilidade para com as circunstâncias. A circunstância está definida por uma perspectiva, aquela que determina minha posição nela, só existe como tal circunstância enquanto me circunda ou me cerca, enquanto

está definida por um centro que sou eu. Longe de ser uma coisa em si ou a so-ma de coisas, a circunstância é definida por uma perspectiva, por um ângulo de visão. Toda circunstância é minha, tua, e eu só tenho realidade numa circuns-tância.

Circunstância e decisão são dois elementos radicais de que se compõe a vida humana. A circunstância, possibili-dade, é o que de nossa vida nos é dado e imposto. Viver é encontrar-se com um mundo determinado e insubstituível, neste aqui e agora. Viver é sentir-se fatalmente forçado a exercitar a liberda-de, a decidir o que vamos fazer e ser neste mundo. As circunstâncias são, pois, o nosso dilema sempre novo, ante o qual temos de nos *decidir* a cada instante sob pena de sucumbir.

A estrutura de nossa vida consi-ste em que estamos em uma cir-cunstância determinada na qual temos que fazer algo, ocupar-nos com algo e esta ocupação é decidida por nós. Eu não sou mais que um ingrediente de minha vida; o outro ingrediente é a cir-cunstância ou mundo. Minha vida, pois, contém ambos dentro de si, porém ela é uma realidade distinta de mim. Eu vivo e ao viver estou na circunstância a qual não sou eu. A realidade de meu eu é, pois, secundária à realidade integral que é minha vida. As circunstâncias são como que o cordão umbilical que nos vincula ao resto do universo. Não nos resta outro remédio senão aceitá-las como ponto de partida, e, talvez, também como elo em nosso itinerário vital e filósofo. O homem é um ser "cir-

4. MARIAS, Julian. *Introdução à Filosofia*, p. 207.

cunstancial", tudo o que faça deverá fazê-lo em vista de suas circunstâncias, que são como o meio em que ele se desenvolve, vive e convive.

As circunstâncias não só se compõem das coisas presentes como também e principalmente das coisas latentes. O modo de presença das coisas latentes é esse "ter sem ter", esse "ter a crédito" que denominamos crença. A circunstância inclui uma dimensão temporal e, mais precisamente, histórica. A própria estrutura das realidades sociais é intrinsecamente histórica, aparecendo a história como que "aberta" para um amanhã em princípio ilimitado.

Minha circunstância compreende, pois, o contorno físico composto pelas coisas que me são presentes ao sentido e o horizonte de possibilidades latentes. Fazem parte desse contorno físico meu corpo e outros corpos que se apresentam como localizações, a realidade social, a sociedade "stricto-sensu", a história, vivida como "nível histórico" e o repertório das crenças. Tenho, pois, que fazer minha vida contando com este horizonte de possibilidades, facilidades e dificuldades que a vida me apresenta. Com estes ingredientes, construo o meu "projeto vital", que consiste no antecipar meu viver efetivo, minha vida como possibilidade. Portanto, o "projeto vital" é o que faz que existam para mim não simples atividades, mas, literalmente "quefazer". Não significa que eu faço algo, mas que, porque "projeto" ser algo concreto, tenho que fazer determinadas coisas. A vida é, pois, antecipação de si mesma,

na expressão de Ortega, futurição.

As coisas têm um ser adquirido, adquirido por elas, quando entram numa determinada relação comigo, isto é, as coisas têm um ser. Por isso dizemos o "ser das coisas", mas o têm comigo em minha vida. Esta é a razão pela qual as coisas me são dadas revestidas por suas interpretações; entre o meu eu e elas se interpõe necessariamente meu "projeto vital"; dito de outro modo, eu projeto sobre elas essa antecipação de meu viver no qual irão ser isto ou aquilo, algo determinado.

O animal, pelo contrário, tem diante de si as coisas, está entre elas, articulado com elas, e a elas responde por reações; como não tem um projeto vital, não interpreta as coisas e estas não são para ele, não têm para ele um ser. Portanto as coisas existem; mas não são conhecidas por ele, porque não tem razão.

Ser é pretender ser. Com as coisas tenho que imaginar um "projeto vital", uma figura ou personagem que quero ou pretendo ser. O ser humano é antes de tudo realidade poética, ente de ficção. Necessito inventar ou "idear" minha vida para pedir vivê-la. E é só quando projeto esse esquema que fiz sobre as coisas, elas, que eram apenas facilidades e dificuldades, se convertem em possibilidades, das quais, como tais, sou também seu autor, mas somente neste sentido. Sou autor apenas de parte das possibilidades, recebo a maioria delas do contorno social, isto é, por ser já social e histórico encontro em minha circunstância ou mundo possibilidade de ser homem.

Para que as possibilidades sejam minhas, eu tenho que eleger entre elas, decidir qual irei adotar entre as que me são oferecidas pelo contorno. E isto é determinado por um esquema de vida, mais vago e geral, do qual sou o irrenunciável autor, e que se chama "vocação". E esta é a raiz última de meu "projeto vital", original ou recebido, é a forma primária e concreta de ser EU.

A vida me apresenta possibilidades, entre as quais tenho que escolher, porque são apenas possibilidades, e eu sou chamado à realidade, isto é, propriamente falando não tenho ser completo e por isso não tenho outro remédio senão fazê-lo. E se é verdade que não tenho ser, que este não me é dado, por outro lado me é dado com que fazê-lo. Este caráter do fazer humano exige o pensamento. Ortega esclarece, distinguindo pensamento de conhecimento.

Não se trata, ainda, de conhecimento, em sentido estrito. Pensamento, assinala Ortega, é tudo o que fazemos, seja o que for, para sair da dúvida e recuperar de novo a certeza básica. Seja o que for, por exemplo, religião, mitologia, magia, etc. O mito é forma de pensamento com legítima validade em certo nível histórico.

O conhecimento é outra instância do saber a que se ater. Conhecer é verificar o que as coisas são, capturar o ser das coisas. Baseia-se na dupla crença de que

há ser, e de que este é cognoscível pelo homem. O ser é uma crença, vale dizer, uma interpretação conferida às coisas pelo homem, por isso mesmo datada historicamente.⁽⁵⁾

O ser, esclarece Ortega, representa meu plano de ater-me às coisas, aquela fórmula que me permite saber a que me ater a respeito dessas coisas. E ao saber a que se ater, o homem se encontra.

A REALIZAÇÃO DA VIDA HUMANA

A vida me é oferecida como "quefazer" ou tarefa e o seu ser consiste em realizar-se. A realização da vida supõe anteriormente uma *proposição*. Proposição e realização são inseparáveis e correlatas, cada uma delas adquirindo seu sentido somente em vista da outra. Tanto uma como a outra estão afetadas pela limitação, que é um constitutivo da própria estrutura da vida humana.

Em princípio, eu me encontro vivendo e isto implica uma limitação que conto inicialmente, isto é, tenho um passado para trás, que de algum modo me condiciona ou limita e que é ele próprio limitado. Minha vida data de um ponto de partida, que a rigor é alheio a ela e cujo encontro é subsequente a esse primeiro já estar vivendo.

Minha vida, além de ser "datada", está "situada". Em concreto, eu estou

5. MELLO KUJAWSKI, Gilberto. *Jornal da tarde*, 18/10/1980.

numa determinada situação temporal, espacial e social e não em outra. Mesmo não variando minha situação espacial, em cada momento estou em uma temporal e esta se me apresenta, por isso mesmo, como uma só, conto com esta e não com outra.

Essa "situação" em que me encontro encerra um número restrito de "ingredientes" e, portanto, ela própria é limitada. O homem encontra-se numa situação limitada, podendo em princípio sair dela; mas, por sua vez, a limitação recai sobre ele próprio, porque essa saída consiste no ingresso em outra "situação" nova, também limitada.

Essa limitação dos "ingredientes" da circunstância afeta o repertório de "possibilidades" da vida. Estas não me são dadas, mas só se constituem como tais quando meu projeto vital se defronta com as facilidades e dificuldades que a circunstância me apresenta. As possibilidades e impossibilidades existem em função de minha pretensão ou projeto de vida e são inseparáveis dos mesmos. Não são, portanto, absolutas, são relativas a um projeto vital determinado. Deve-se contar neste sentido com a dimensão histórica das possibilidades. O repertório de possibilidades com que me encontro não é permanente e, sim, variável; as possibilidades que se me oferecem agora não serão tais possibilidades depois, e, inversamente, outras com as quais conto no futuro não o são ainda; aparecem, pois, qualificadas temporalmente, vinculadas a um "quando", de duração variável mas também limitada.

A limitação se apóia no fato de que os projetos vitais possíveis são muitos, infinitos; mas em cada caso se reduzem a um repertório mais ou menos restrito qualitativamente limitado. O homem possui um repertório de possibilidades esquemáticas, definido por sua circunstância; apesar disto se lhe oferece mais uma possibilidade: a de *innovar* e assim imaginar ou inventar uma figura de vida que não lhe seja apresentada pela circunstância, podendo desse modo evadir-se desta última, embora sempre em função dela própria.

A limitação constitui a própria forma da vida efetiva, da vida realizada. O fato de viver consiste em fazer algo concreto e não outra coisa; isto é, a realidade da vida humana só se dá como seleção de uma linha de possibilidades, com renúncia formal às demais. O homem encontra em sua vida um repertório de possibilidades:

não de um modo primário: encontro efetivamente as possibilidades quando as tenha "inventado", quando projeto minha vida e interponho entre o eu e minha ação uma figura ou esquema para o qual as facilidades e dificuldades que primeiramente encontro e que denomino coisas, se convertem em possibilidades. Por esse motivo. . . as possibilidades são a primeira forma de minha vida e essa forma é, como todas as outras, adquirida; por isso as possibilidades não "estão aí" simplesmente; são minhas, e mi-

nha relação com elas não é extrínseca e sobrevinda, porque não são um puro "dado" mas sim algo que se "constitui" em minha vida: o que "faço" – com as coisas, é claro – para poder fazer minha vida. Nesse sentido, mas exclusivamente nele, podemos falar, com metáfora orteguiana, do teclado de minhas possibilidades. Os elementos reais que o integram me são dados; tenho que tocar a melodia ou escrever o texto que me proponho, e que de maneira alguma já existe ou se compõe por si só.⁽⁶⁾

Não se trata de se fazer uma enumeração quantitativa das possibilidades num momento concreto, ainda menos de pesquisar sua eclosão ou declínio no curso da história; interessa apenas precisar a configuração do horizonte em que aparecem. O mundo nos apresenta um horizonte de possibilidades.

É necessário fazer uma distinção entre as possibilidades e os recursos; os recursos, os meios à disposição para realizar as possibilidades, são as coisas consideradas em vista das possibilidades, daí se ver claramente que eles não coincidem com estas. É freqüente o caso de uma abundância de recursos unidos a uma estranha exigüidade de possibilidades, por pobreza imaginativa. Os recursos são aquilo a que se pode recorrer para realizar as possibilidades.

Não podemos prescindir da referência aos recursos, porque só estes conferem às possibilidades sua atualidade. É importante considerar a origem das possibilidades:

Com efeito, estas se constituem na vida; são o resultado da projeção de meus esquemas ou figuras imaginativas do viver sobre as facilidades e dificuldades que o contorno me oferece e que, deste ponto de vista, funcionam como recursos. A origem real das possibilidades depende, portanto, de dois momentos diferentes: o que se refere à gênese de meus projetos e o que afeta às próprias coisas sobre as quais eles versam.⁽⁷⁾

Mas viver não consiste em ficar só nas possibilidades, e sim em estar também na impossibilidade de ficar só nelas, porque a vida é urgência e uma vez iniciada não pode parar. Viver consiste, pois, na escolha entre possibilidades, fazendo apelo aos recursos. A vida tem que ser feita por mim, isto é, imaginada em vista de minhas possibilidades e escolhida em sua concretude, decidindo em cada momento, entre as inúmeras possibilidades presentes, a que irá constituir a realidade imediatamente futura, no momento seguinte de minha vida. Não se trata de atualização de potências, de alguma manifestação ou desenvolvimento de realidades germinalmente implícitas, mas, com todo o

6. MARIAS, Julián. *Introdução à filosofia*, p. 301.

7. MARIAS, Julián. *op. cit.*, p. 304.

rigor das palavras, de uma inovação efetiva e de uma liberdade constitutiva.

Viver é escolher entre a pluralidade de possibilidades. Cada ato do viver se recorta, por assim dizer, sobre um fundo de outros atos possíveis e eliminados, e sem estes não tem seu pleno caráter real. Portanto, escolha não é simples afirmação de uma possibilidade, mera adesão a ela por seu conteúdo positivo, mas sim, sem que disso se possa separar, exclusão de outras, das quais se nutre e nas quais se apóia ou se funda.

Quando decido fazer algo, logo de início esse algo pertence ao horizonte de minhas possibilidades; mas além disso, minha decisão depende dele, isto é, não se explica pelo conteúdo daquilo que foi escolhido, que talvez não me agrade nem o desejo, que não provoca minha adesão, mas sim por sua conexão com o resto de minhas possibilidades; frequentemente faço uma coisa por não poder fazer nenhuma das outras possíveis e por ter que fazer alguma; se apenas fosse levado em conta o que é feito, o que é decidido, minha conduta seria incompreensível e por vezes monstruosa.

Resulta disso que não se pode entender o menor ato humano quando não se tem presente a situação de seu autor; não se sabe o que faz um homem se não

se conhece o que ele podia fazer.⁽⁸⁾

Viver é preferir. Entre as múltiplas possibilidades de vida, potencialmente possíveis, são atualmente possíveis só aquelas para as quais são oferecidos seus recursos. Viver é, portanto, viver uma vida. Esta é a forma mais profunda de limitação a que está sujeito o homem. A vida é um "quefazer" constante, mas para que a faça o homem necessita decidir-se, escolher entre suas inúmeras possibilidades, determinando-se para uma e não para outra.

A vida exige uma razão de acontecer, isto é, exige uma "justificação". Esta é decorrência de uma necessidade intrínseca do próprio viver, uma condição "sine qua non" de sua estrutura. É o motivo pelo qual me decido a agir, é a razão pela qual me proponho agir deste modo e não de outro.

Neste sentido entra a função primária do pensamento como função justificativa, isto é, saindo da dúvida, o homem justifica o seu ater-se a uma determinada forma de vida. Ele só pode viver justificando-se, dando razão ao seu viver, porque a própria vida é razão. Todo fazer deve justificar-se, pois a vida humana é moral em sua própria substância e a moralidade exige a justificação.

Portanto, a primeira necessidade moral é a mesma que descobrimos como função radical do pensamento; dar-se conta da circunstância exige tê-la presente em sua integridade e em sua

8. MARIAS, Julián. op. cit., p. 306.

_____ **España invertebrada.** Madrid, Revista de Occidente en Alianza Editorial, 1981. 143 p.

2 OBRAS EM GERAL

BUBER, Martin. **Eu e Tu.** Trad. Newton A. Von Zuben. São Paulo Editora Cortez e Moraes. 1977.170 p.

CORBISIER, Roland. **Enciclopédia filosófica.** Petrópolis, Editora Vozes, 1974 212 p.

CORETH, Emerich. **Que es el hombre?.** Esquema de una antropología filosófica. Barcelona, Herder, 1980. 268 p.

DEL VALLE, Agustin Basave. **Filosofia do homem.** Trad. Hugo di Primio Paz. São Paulo, Editora Convívio, 1975. 279p.

DUJOVNE, Léon. **La concepción de la historia en la obra de Ortega y Gasset.** Buenos Aires, Santiago Rueda-Editor, 1968. 216 p.

FREIRE, Paulo. **Uma educação para a liberdade.** Trad. José Reis e Fátima Silva. 4 ed. Porto, Textos marginaís 1974. 68 p.

GADOTTI, Moacir. **Comunicação docente.** São Paulo, Edições Loyola, 1976. 126 p.

GARAGORRI, Paulino. **Introducción a Ortega.** Madrid, El Libro de Bolsillo, Alianza Editorial, 1970. 217 p.

GEVAERT, Joseph. **El problema del hombre.** Introducción a la Antropología filosófica. 3 ed. Salamanca, Ediciones Sigueme, 1980. 360 p.

GODED, Jaime. **Antologia sobre la comunicación humana.** Mexico, Lecturas Universitárias, 25, 1976. 275 p.

GUSDORF, Georges. **Professores para quê?.** 4 ed. Lisboa, Moraes Editores, 1978. 318 p.

GUTIERREZ SÀENS, Raul. **Introducción a la antropologia filosófica.** Mexico, Editorial Esfinge, 1979. 206 p.

- HEIDEGGER, Martin. **Todos nós. . . ninguém.** Trad. Dulce Mara Critelli. São Paulo, Editora Cortez, 1971. 72 p.
- HESSEN, Johannes. **Teoria do conhecimento.** Trad. Antonio Correia. 5 ed. Coimbra, Arménio Amado, Editor, 1970. 201 p.
- LOPES QUINTAS, Alfonso. **El pensamiento filosofico de Ortega y D'ors,** Madrid, Ediciones Guadarrama, 1972. 434 p.
- MARÍAS, Julián. **Ortega I Circunstancia y vocación.** Madrid. Revista de Occidente, 1960. 569 p.
- _____. **Introdução à filosofia.** Trad. Diva Ribeiro de Toledo Piza. 2 ed. Sao Paulo, Livraria Duas Cidades, 1960. 278 p.
- _____. **História de la filosofia.** 28 ed. Madrid. Revista de Occidente, 1976. 515 p.
- _____. **O tema do homem.** Trad. Diva Ribeiro de Toledo Piza. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1975. 336 p.
- _____. **Antropologia Metafísica.** Trad. Diva Ribeiro de Toledo Piza. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1971. 263 p.
- MARTINS, Joel. "Modelo de planejamento curricular". In: GARCIA, Walter (Org.) **Educação brasileira contemporânea: organização e funcionamento.** São Paulo, Mc. Graw-Hill do Brasil, 1978. 277 p.
- MARTINS, Waldemar Valle. **Liberdade de ensino – Reflexões a partir de uma situação no Brasil.** São Paulo, Ed. Loyola, 1976. 207 p.
- ORRINGER, Nelson R. **Ortega y sus fuentes germánicas.** Madrid. Gredos, 1979. 375 p.
- ROGERS, Carl. **Tomar-se pessoa.** 2 ed. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1961. 340 p.
- ROSS, W.D. **Aristóteles.** Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1957. 425 p.
- SEVERINO. A. J. **Metodologia do trabalho científico: diretrizes para o trabalho didático-científico na Universidade.** 5 ed. São Paulo, Ed. Cortez, 1979. 151 p.

perspectiva. A inversão da perspectiva, isto é, do ângulo de visão, faz com que o homem se comporte erroneamente

em relação à circunstância e igualmente falseie o seu próprio viver.

BIBLIOGRAFIA

1 OBRAS DO AUTOR

ORTEGA Y GASSET, José. **O homem e a gente**. 2 ed. Rio de Janeiro, Livro Ibero Americano, 1973. 306 p.

_____ **Que és filosofia?** 2 ed. Madrid, Revista de Occidente 1960. 264 p.

_____ **Apuntes sobre el pensamiento**. 2 ed. Madrid, Revista de Occidente, 1966. 117 p.

_____ **Meditações do Quixote**. 2 ed. Rio de Janeiro, Livro Ibero Americano, 1966. 375 p.

_____ **História como sistema**. 3. ed. Madrid, Revista de Occidente, 1958. 155 p.

_____ **Ideas y creencias**. Buenos Aires, Colección Austral, Espasa – Calpe, 1940. 155 p.

_____ **A rebelião das massas**. 3 ed. Rio de Janeiro, Livro Ibero Americano, 1971. Trad. Herrera Filho, 264 p.

_____ **Origem e epílogo da filosofia**. Rio de Janeiro, Livro Ibero Americano, 1961. 283 p.

_____ **Unas lecciones de Metafísica**. 3 ed. Madrid, El Libro de Bolsillo. Alianza Editorial, 1970. 226 p.

_____ **Discursos políticos**. Madrid, El Libro de Bolsillo, Alianza Editorial, 1974. 285 p.

_____ **Meditación del pueblo joven**. 2 ed. Madrid, Ediciones de la Revista de Occidente, El Arquero. 183 p.

VITA, Luis Washington. "Sobre Ortega y Gasset", in **Tríptico de idéias**. São Paulo, Ed. Grijalbo, 1967. pp. 105-150.

WELTE, Bernhard. "O Super-homem de Nietzsche e sua questionabilidade", in PENZO, G. et alli. **Nietzsche e o cristianismo**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1981. pp. 67-73.

3. ARTIGOS EM PERIÓDICOS

AZEVEDO GOLDBERG, Maria Amélia. "A avaliação pode ser uma arma?" **Educação e avaliação**. 1: 23-47. Julho 1980. São Paulo, Cortez Editora.

BARRENA SÁNCHEZ, J. "Los fines de la educación en J. Ortega y Gasset", **Revista Española de Pedagogia**, XXIX (116): 393-414; oct.-dic. 1971. Espanha.

BRAUN LEDESMA, H. e outros. "A educação – um processo humanístico", **Educação**. Revista da Univ. Federal de Sta. Maria, (Rev. CE) VI (2): 73-91. 1981. Santa Maria, Imprensa Universitária – UFSM.

DRÜGG, Kátia Issa. "Comunicação, educação e engajamento". In **Cadernos PUC** nº 3 – **Educação**, mar. 1980; pp. 67-82.

MARTINS, Waldemar Valle. "A viabilidade da filosofia ou a busca de um método". **Leopoldianum** IV (91): 7-17. abr. 1977. Santos, Sociedade Visconde de São Vicente.

4. ARTIGOS EM JORNAIS

MARIÁS, Julián. "Uma entrevista", **O Estado de São Paulo**, Cultura, ano I – nº 18. 13/10/80.

_____. "Por que ler Unamuno, hoje", **O Estado de São Paulo**, Cultura, ano I – nº 36. 15/02/81.

_____. "As ameaças ao Ocidente", **O Estado de São Paulo**, Cultura, ano II – nº 75. 15/11/81.

MELLO KUJAWSKI, Gilberto. "As teses de Ortega", **O Estado de São Paulo**. Jornal da Tarde, Caderno de Programas e Leituras, 18/10/80.

PAZ, Otávio. "Ortega de novo", **O Estado de São Paulo**, Cultura, ano I – nº 45. 19/04/81.